

ANÁLISE TEXTUAL DO DISCURSO: UMA VERTENTE DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

TEXTUAL ANALYSIS OF THE DISCOURSE: A STRAND OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

**João Hilton Sayeg-Siqueira (PUC-SP)
Deborah Gomes de Paula (PUC-SP/UNIP)**

RESUMO

Este artigo versa sobre a Análise de Discurso Textualmente Orientada, vertente da Análise do Discurso Crítica, proposta por Norman Fairclough, com a concepção de que o discurso se instaura pelo investimento da linguagem por uma prática social, e que foi largamente divulgada pela professora doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira, em São Paulo. O modelo de análise atende a uma tripla dimensão, em que texto, prática discursiva e prática social se articulam, interdependentemente, para a descrição a interpretação e a avaliação da constituição ideológica e hegemônica da linguagem e do discurso.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Análise do Discurso Textualmente Orientada. Prática social.

ABSTRACT

This article deals with Textually Oriented Discourse Analysis, a branch of Critical Discourse Analysis, proposed by Norman Fairclough, with the conception that discourse is established through the investment of language through a social practice, and which was widely disseminated by the teacher doctor Regina Célia Pagliuchi da Silveira, in São Paulo. The analysis model meets a triple dimension, in which text, discursive practice and social practice are interconnected, interdependently, to describe, interpret and evaluate the ideological and hegemonic **constitution of language and discourse**.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Textually Oriented Discourse Analysis. Social practice.

Introdução

A análise de discurso, desde sua expansão, na década de 1960, vem ganhando várias vertentes, com conceituações diferentes de discurso e com metodologias diversas de análise. Na linha sociológica francesa, discurso é entendido como a linguagem investida de valores ideológicos, e sua análise investiga as significâncias nele disponíveis. Na abordagem filosófica francesa, o discurso é entendido como a linguagem investida de ocorrências históricas, e sua análise se descreve pela investigação da construção do conhecimento e das tensões de poder dela forjadores. No enfoque retórico, discurso é entendido como a linguagem investida de estratégias argumentativas, e sua análise pelas técnicas de persuasão e de convencimento dadas pelas provas intrínsecas e extrínsecas. No parâmetro linguístico anglo-saxão, discurso é entendido como a linguagem investida

de uma prática social, desvendada pela análise do discurso a partir do texto e da prática discursiva da qual decorre.

Análise de discurso crítica

Neste artigo, o foco recai sobre a concepção de análise de discurso proposta e desenvolvida por Norman Fairclough, que se deriva da Análise de Discurso Crítica, de origem anglo-saxônica, que, aqui, será trazida em alguns de seus aspectos centrais. Essa configuração saxônica da Análise do Discurso foi largamente divulgada, em São Paulo, pela professora doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira, por meio de publicações e de trabalhos acadêmicos (2011-2022).

Nessa visão, o discurso constitui e é constituído por práticas sociais, entendidas, em sentido lato, como modos habituais, relacionados a condições espaço-temporais específicas e aplicados, pelos sujeitos, como “recursos (materiais ou simbólicos) para agirem em conjunto no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21); e, em sentido estrito, como linguagem em uso, provocadora de interações, no interior das atividades sociais, por meio do texto. Por esse ponto de vista, entende-se que não há só implicação ideológica na constituição do discurso, mas também hegemônica.

Os hábitos instalam modos de ação e por eles são contaminados, mediante intervenções em sua indução, sua reprodução e seu fortalecimento nas configurações das atividades de interação, realizadas em práticas sociais. As representações, aí constituídas e constituintes, são operadas por ideologias que auxiliam na manutenção das relações de dominação, dentro das práticas sociais, contribuindo para, nelas, sustentar certa conjuntura hegemônica, disposição que torna uma proposta inquestionável e inevitável. Numa postura crítica, a ideologia, alicerce da hegemonia, está presente no texto por representações que atribuem significados à realidade e, assim, mantêm as relações de dominação dentro das práticas sociais, instância em que se manifesta nas formas de comprometimento, julgamento e diferenciação, essenciais para a manutenção das relações assimétricas de poder.

As relações de poder se presentificam não só em práticas sociais, mas também em práticas discursivas, que, contaminadas por ideologias, têm sua análise voltada para as formações discursivas, construídas pelas várias ordens sociais vigentes. Nessa esteira, “os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder

e dominação” (KRESS, 1990, p.85). O destaque à linguagem como fundamento é de suma importância, pois ela produz, mantém e, também, altera as relações sociais.

Nas relações sociais de poder, a linguagem institui uma visão demarcada de mundo, “derivada da relação que os falantes têm com as instituições e com a estrutura socioeconômica das sociedades de que fazem parte, sendo tal visão disponibilizada e confirmada pelo cunho ideológico dessas mesmas sociedades.” (FOWLER, KRESS, 1979, p.185). Por esse marco, as relações assimétricas de poder são naturalizadas, sendo ela um fenômeno, inevitavelmente, inconsciente, dada sua invisibilidade, posto que se tornam mais efetivas quanto mais sua ação é menos visível (FAIRCLOUGH, 1989). O grau de dificuldade em identificar e examinar as implicaturas está diretamente relacionado à forma como a ideologia regula a vida e os sistemas de valores e crenças das pessoas.

Essa postura se insere em um paradigma interpretativo crítico das relações sociais, para estudo do papel do discurso que, por ser entendido como um acontecimento linguístico-textual, implica, em sua análise, a configuração social refletida na disposição lexical, sintática e figurativa das representações simbólicas textuais de valores éticos e morais (FAIRCLOUGH; WODAK, 1997). As formas simbólicas, manifestadas, no texto, em sua conformação social e para sua circulação num contexto específico, contribuem para o estabelecimento ou a manutenção de relação assimétrica de dominação, ou, ao contrário, despertar a consciência para uma reação emancipatória.

Embora o texto seja o marco norteador da análise de discurso crítica, esta não deve se pautar apenas no caráter ideológico nele detectado, mas também as significações, reveladoras das relações de poder assimétricas. A significância textual decorre dos vínculos estabelecidos com o conhecimento prévio acionado e com outros textos e discursos. A primazia na produção textual é o intertexto e na discursiva, o interdiscurso. Só assim, é possível uma análise abrangente, socialmente sistematizada, que transcenda o texto, revelando, por meio das estratégias argumentativas, a existência de determinada ideologia.

Como as marcas ideológicas, quase sempre são invisíveis, camufladas por técnicas linguístico-textuais, a identificação delas envolve o trabalho atento sobre implicaturas, inferências, pressuposições e subentendidos, desveladores dos sentidos implícitos. Essas peculiaridades são complementos imprescindíveis para a análise das relações de poder, pois a ideologia se configura por meio do discurso e se dissemina a partir do texto,

portanto, sem a análise cuidadosa do texto não se chega à configuração do poder social, por isso, Fairclough destaca a pertinência de se iniciar a análise do discurso a partir do texto.

Análise de discurso textualmente orientada (ADTO)

Fairclough (2001) entende discurso como a linguagem investida de uma prática social, que é reprodutora e transformadora de realidades sociais. Como a premissa básica de sua proposta de análise é que texto e discurso não se dissociam entre si e nem das práticas sociais. Toda prática social é tanto produtiva quanto reflexiva, isto é, toda prática inclui pessoas envolvidas em relações sociais aplicando democratização (conversacionalização), comodificação (mercantilização) e tecnologização, por meio de representações de linguagem dessa prática como parte integrante da própria prática. Os textos são modificados em razão da introdução de mudanças, como o acesso a novas tecnologias, a discursos e a conhecimentos.

O sujeito do discurso, propenso ao amoldamento ideológico, linguístico e situacional, conforma a linguagem às formações discursivo-sociais, a partir das diferentes maneiras de compreensão do que é produzido. Esses ajustes se dão no âmbito conversacional, informalmente modalizados, para a eliminação de marcadores explícitos de poder, a partir de ocorrências dialetais e variacionais da língua, a fim de estabelecer um simulacro de equitatividade social. Ocorrem, também, na dimensão mercantilista, ou seja, do mercado, pelo uso linguístico, para a informação, o consumo e o sucesso das negociações. Aparecem, ainda, no manejo de técnicas, padronizadas pela utilização da linguagem, reveladoras de tendências sociais, de características institucionais e/ou de vertentes teóricas.

As formações discursivas vão sendo socialmente naturalizadas e a realidade, assim, vai sendo reconfigurada e ressignificada. Nesse jogo, a língua, atualizadora linguística do texto, por sua vez, é uma atividade dialética que molda a sociedade e é por ela moldada, o que leva Fairclough (2001) a considerar que o discurso constitui a realidade social e esta, por sua vez, o constitui. Os atores sociais forjam o mundo pela atribuição de sentidos que lhe impõem ou pela naturalização das configurações hegemônicas, ou por contestações e reestruturações da dominação e das formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos. Esta é a natureza dialética social do discurso.

Pela proposta de análise das implicações de elementos da prática social na formação discursiva, Fairclough (2001) concebe seu método como Teoria Social do Discurso, pois, a partir das peculiaridades linguísticas, articuladora do texto, busca levantar as peculiaridades discursivas interacionais e as circunstâncias organizacionais e institucionais da sociedade ali registradas. Assim, o evento discursivo é entendido, simultaneamente, como um texto, uma prática discursiva e uma prática social. Por essas três dimensões, encontra-se a categoria tridimensional de análise do discurso.

Por partir do texto para desvendar as práticas discursiva e social nele presentificadas, Fairclough chama seu pleito investigativo de Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO). O texto, ao revestir o discurso de formas gramaticais, ocupa-se de estabelecer conexão com mecanismos simbólicos de poder. Por isso, a análise linguística é “uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle” (FOWLER; KRESS, 1979, p. 186), vigentes no fazer discursivo e nas ações sociais.

Segundo Wodak (2001), o texto, como unidade do discurso e da comunicação, se integra funcionalmente ao sistema aberto da vida social e representa relações de luta e conflito na sociedade, ao mesmo tempo em que age sobre ela, mediante processos de transformação, provocadores de mudanças sociais. Assim visto, no texto, está compreendida uma relação dialética entre linguagem e realidade, por ser, de um lado, parte de eventos sociais naturalizados e, de outro, a materialização de luta ideológica contra formas de poder e de exploração na sociedade moderna. Portanto, para se chegar ao cerne da articulação textual, há de se considerar que ela resguarda o efeito social de uma ideologia.

No modelo tridimensional de análise, as três dimensões implicadas seguem uma sequência de exame, do texto para a prática social, intermediado pela prática discursiva, mas isso não quer dizer que sejam totalmente independentes, pelo contrário, existe entre elas uma interdependência, em que, no texto, constituído pela prática discursiva, descritivamente, são examinados o léxico, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura textual; a prática discursiva, ao mesmo tempo em que concebe o texto, o interpreta em termos de sua produção, sua distribuição e seu consumo; a prática social busca explicar de que modo o texto, por suas unidades constitutivas, se reveste de aspectos ideológicos e formas hegemônicas.

Fairclough (2001) defende que o discurso decorre de uma prática social reprodutora e transformadora que busca validação social. E para tanto, propõe uma perspectiva tridimensional que trata da análise linguística, interacional e circunstâncias organizacionais e institucionais da sociedade.

Para Fairclough o mundo é formado pela atribuição de sentido que os atores sociais lhe impõem, por isso o caráter de mudança social que as práticas sociais carregam. O autor refere-se a atores, pois por essa perspectiva, os indivíduos atuam em seus papéis sociais.

Os modelos tridimensionais foram construídos a partir da transição do paradigma estruturalista (as funções da linguagem) para uma perspectiva mais dinâmica (visão pragmática e os atos de fala).

No paradigma a evolução dos estudos da língua e as manifestações textuais passaram por várias mudanças e assim, segundo Wetter e Ormundo (2013) ocorreu a evolução do quadro tridimensional, a seguir:

- 1989 – Texto, interação e contexto: intertextualidade constitutiva e mostrada.
- 1992 – Texto, prática discursiva e prática social: texto, elaboração do texto e atividades sociais.
- 2003 – Análise textual interna e externa. Linguagem e globalização em que os textos são orientados a dialogar em sentido mais amplo.
- 2006 – Análise social. Texto, ordem do discurso e linguagem.

No sentido social é importante considerar aspectos da argumentação na construção textual, ou seja, propriedades constitutivas do texto: os retóricos (efeitos de sentido) e dialéticos (regras da discussão crítica).

A proposta do quadro tridimensional implica num processo de argumentação. Para proceder a análise da argumentação temos que considerar os elementos linguísticos e semióticos a partir dos estágios:

- **CONFRONTAÇÃO (EXEMPLIFICAÇÃO):** objetivo dialético – clareza em relação ao assunto tratado e a posição que cada uma assume. O objetivo retórico – definição da confrontação que favoreça os assuntos que cada um quer assumir e a posição que querem assumir.
- **ABERTURA (CAUSA E CONSEQUÊNCIA):** objetivo dialético – estabelecer um ponto de partida (aceitação subjetiva). O objetivo retórico – definição da discordância que apoie os próprios interesses.

◦ ARGUMENTAÇÃO (CONTRA-ARGUMENTAÇÃO): objetivos dialético e retórico – testar a sustentabilidade, reafirmação do ponto de vista.

As ordens do discurso, pela perspectiva de Fairclough, referem-se aos contextos, regulam as ações discursivas, a articulação entre a organização textual e a interpretação. Os significados do discurso estão ligados a 03 elementos de ordens do discurso: gêneros (significado acional/relacional), discursos (representacional) e estilo (identificacional). Importante destacar que as categorias relacionadas às ordens do discurso remetem às contribuições da Linguística Sistêmica Funcional (LSF).

A LSF busca identificar: “as estruturas de linguagem específica que contribuem para o significado de um texto. As análises que se realizam nessa perspectiva teórica se propõem a mostrar como e por que um texto significa o que significa” (WEBSTER, 2009, p. 7). Para Nichols (1984), a gramática funcional, ainda que analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala; seus participantes e seu contexto discursivo.

Neves (2004, p. 63) afirma que a LSF centra-se no estudo da língua em uso real, e o texto (oral ou escrito) é tido como a unidade maior de funcionamento linguístico, neste caso, o que se procura analisar é a “construção de seu sentido”. Conforme Bárbara (2009), tem capacidade de analisar qualquer fenômeno comunicativo, estando em amplo desenvolvimento na multimodalidade (Kress e Van Leeuwen, 2001). A LSF é uma teoria social porque procura problematizar contextos sociais concretos do uso da linguagem, operando na interface língua e sociedade.

Desse modo, considera-se os gêneros como tipos de linguagem ligados à atividade social, os discursos são tipos de linguagem usados para construir algum aspecto da realidade de uma perspectiva particular e o estilo decorre da legitimação, crenças e valores morais e éticos.

Para Fairclough a prática discursiva implica em processo de produção, distribuição e consumo textual. Assim, temos a força ilocutória, que permite identificar as estratégias intertextuais e interdiscursivas ilocucional, comunicacional e metacomuncional para estabelecer a coerência.

A prática social refere-se à estabilização da atividade social a partir das ordens do discurso, ou seja, a totalidade das práticas discursivas e a relação entre elas. O que as pessoas fazem, ideologias, sentidos, pressuposições, metáforas, hegemonia social.

Segundo o autor, o texto como elemento concreto refere-se a evento social. O texto é considerado um evento discursivo formado por vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

Fairclough entende qualquer evento discursivo como simultaneamente um texto, uma prática discursiva e uma prática social. Nessas três esferas fundamenta-se a perspectiva tridimensional do discurso concebida pelo autor e entendida, respectivamente, como a dimensão da análise linguística, da análise do processo interacional e da análise de circunstâncias organizacionais e institucionais da sociedade.



Quadro tridimensional – 2006 baseado em Wetter e Ormundo (2013)

Considerando o quadro acima, entende-se que a prática discursiva é composta por produção que é responsável pelo texto (autor e sua condição de produção); a distribuição que decorre de vários domínios institucionais. Por exemplo: religioso, político, educacional, familiar etc. E o consumo que pode acontecer de maneira diferente em contextos sociais diferentes.

Assim, a prática social refere-se aos participantes, ações e funções. Por exemplo, durante a consulta médica (na dimensão interacional) o médico deverá fazer o registro médico (dimensão interativa) por meio de uma receita médica, um laudo etc. Assim temos os gêneros circulando dentro de cada domínio discursivo que dependem das práticas sociais. Neste caso, o paciente adota uma prática social e o médico adota outra prática social.

Conclusão

Entende-se que Fairclough (2001) não pretende fazer análise do discurso como procedimento epistemológico sobre a língua, mas como instrumento político contra a injustiça social. Os pesquisadores são também julgados por ele de acordo com sua parcialidade em relação ao objeto analisado. Fairclough assume que a neutralidade, diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o pesquisador cúmplice de tais estruturas. Para ele, o discurso deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo.

Fairclough (2001) entende discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela.

Referências

- BARBARA, L. (org.) 2009. Delta. Vol 25, n. 3. *Tópicos de Linguística Sistêmico-Funcional na América Latina*.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse in analysis*. Edinburgh: Edinburgh UP, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. *Critical discourse analysis*. Londres: Sage, 1997.
- FOWLER, R.; KRESS, G. *Critical linguistics*. In: FOWLER, R. et al. *Language and control*. London, Boston e Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979, p.185-213
- KRESS, G. *Critical Discourse Analysis*. In: W. G. (org.). *Annual Review of Applied Linguistics* 11. p. 84-99, 1990.
- KRESS, G. & LEEUWEN, T. van, 2001. *Multimodal discourse – The modes and media of contemporary communication*. London: Edward Arnold.
- NEVES, M. H. M. 1994. *A gramática funcional*. Abralim Boletim da Associação Brasileira de Linguística, n. 15.

NICHOLS, J. *Functional theories of grammar* *Annua] Review of Anthropology*, n 43, p 97-117, 198.

WEBSTER, J. 2009. Introduction. In: Ruqaiya Hasan; Christian Matthiessen & Jonathan Webster. Orgs. *Continuing discourse on language: a functional perspective*. New York: Continuum Intern. Publishing Group. P.7.

WETTER, W. & ORMUNDO, J. S. 2013. *Práticas de Linguagem na Globalização: Introdução à Análise de Discurso Crítica em uma Perspectiva Transdisciplinar*.

WODAK, R. 2001. What CDA is about? *A summary of its history, important concepts and its developments*. In: Wodak, R.; Meyer, M (Eds). *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage. p. 113.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267